

Questões preliminares

“Com essa marcação diacrítica o autor salientava de imediato aos olhos do leitor o que é que ele, afinal de contas, pretendia identificar, ao lado da ética religiosa ali no título, como seu ‘novo’ objeto de análise na busca sociológica de uma relação causal histórica. E esse novo objeto *não era* o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção. Era, *sim*, o capitalismo enquanto ‘espírito’, isto é, cultura – a cultura capitalista moderna, como tantas vezes irá dizer – o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo dia. Noutras palavras, o ‘espírito’ do capitalismo como *conduta de vida*, *Lebensführung*.” (p. 7)

Em que consiste essa *relação causal histórica*?

=> investigar a *gênese* da conduta metódica de vida a que estão submetidos os indivíduos nas sociedades capitalistas modernas;

Este objetivo é desdobrado em duas questões:

- i) problema da identificação: de que modo as características peculiares dessas “individualidades históricas” podem ser reconhecidas?
 - ii) problema da atribuição causal: de que modo o surgimento dessas características pode ser adequadamente explicado?
-
-

“Espírito” do capitalismo como individualidade histórica

“A ciência social que *nós* pretendemos praticar é uma ciência da realidade. Procuramos compreender a realidade da vida que nos rodeia, e na qual nos encontramos situados, naquilo que tem de específico; por um lado, as conexões e significação cultural de suas diversas manifestações em sua configuração atual e, por outro, as causas pelas quais se desenvolveu historicamente assim e não de outro modo.” (p. 44)

Como construímos um tipo ideal?

“...mediante a *acentuação* unilateral de *um* ou *vários* pontos de vista, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de fenômenos *isoladamente* dados, difusos e discretos, que podem ocorrer em maior ou menor número ou mesmo nunca, e que se ordenam segundo pontos de vista unilateralmente acentuados, formando um quadro de pensamento homogêneo. Torna-se impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma *utopia*.” (p. 73)

Variável dependente do estudo: “espírito” do capitalismo moderno, mais especificamente, sua ética ou *ethos* profissional.

A emergência do “espírito do capitalismo”

“Para que essas modalidades de conduta de vida e concepção de profissão adaptadas à peculiaridade do capitalismo pudessem ser 'selecionadas', isto é, tenham podido sobrepujar outras modalidades, primeiro tiveram de emergir, evidentemente, e não apenas em indivíduos singulares isolados, mas sim como um modo de ver portado por *grupos* de pessoas. Portanto, é essa emergência de um modo de ver que se trata propriamente de explicar.” (p. 48)

i) tradicionalismo e ganância: “o absoluto e consciente desregramento da ânsia de ganhar andou de braços dados muitas vezes com o estrito apego aos laços tradicionais.” (p. 51) => disjunção entre a moral *externa* e a moral *interna*;

ii) estratégias empresariais orientadas para o aumento da produtividade (modificação da estrutura de incentivos *externos* à aplicação da força de trabalho);

iii) coexistência entre tradicionalismo e forma capitalista:

“Para saber quais as forças motrizes da expansão do capitalismo [moderno] não se precisa pôr em primeiro plano a questão da origem das reservas monetárias valorizáveis como capital, e sim [antes de mais nada] a questão do desenvolvimento do espírito do capitalismo.” (p. 61)

O “espírito” do capitalismo moderno e seus portadores

Quem foram seus portadores *típicos*?

“...não foram geralmente especuladores temerários e sem escrúpulos, aventureiros econômicos, desses que se encontram em todas as épocas da história da economia, nem simplesmente ‘ricos’, os agentes que deram essa guinada aparentemente discreta e no entanto decisiva para que na vida econômica se impusesse esse novo espírito, mas sim homens criados na dura escola da vida, a um só tempo audazes e ponderados, mas sobretudo *sóbrios* e *constant*es, sagazes e inteiramente devotados à causa, homens com visões e ‘princípios’ rigorosamente burgueses.” (p. 62)

“...foi a *pequena [e média]* burguesia em ascensão [ao empresariado] o portador 'típico' da ética capitalista e da eclesialidade calvinista.” (p. 181)

Empresário capitalista moderno (tipo ideal):

“se esquivava à ostentação e à despesa inútil, bem como ao gozo consciente do seu poder, e sente-se antes incomodado com os sinais exteriores de deferência social de que desfruta. Sua conduta de vida... comporta quase sempre certo lance ascético...” (p. 63)

Questões do seminário

1. Weber não atribui a Lutero qualquer parentesco com o “espírito” do capitalismo, mas argumenta que a obra de Lutero teve alguma contribuição para sua constituição. Explique essa aparente contradição.
 2. Weber resume a concepção luterana de vocação na seguinte frase: para Lutero, o cristão segue a Deus *na profissão*, e não *por meio da* profissão. Explique.
 3. Weber já nos adianta alguns elementos com que lidará no capítulo posterior, ou seja, as linhas de *continuidade* e de *ruptura* entre o protestantismo *luterano* e o protestantismo *ascético*. Quais são elas?
 4. Weber examina duas questões de natureza epistemológica:
 - 4a. a ideia do *paradoxo das consequências*, ou seja, de que os indivíduos engendram em suas ações resultados que não correspondem necessariamente ou mesmo se contrapõem a suas intenções originais;
 - 4b. a natureza da relação causal estabelecida no estudo.
-
-